

SUPORTAI-VOS!



“Portanto, eu, prisioneiro no Senhor, peço-vos que andeis de modo digno para o chamado que recebestes, com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando cuidadosamente manter a unidade do Espírito no vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança do vosso chamado; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por todos e está em todos.” (Efésios 4.1-6 – Almeida Século 21)

Em todas as igrejas evangélicas, independente da denominação, há diversos tipos de desafios a serem conquistados. Alguns problemas são bem simples de serem solucionados, já outros exigem um pouco mais de esforço. Em geral, as maiores dificuldades das igrejas sempre giram em torno dos relacionamentos interpessoais.

Todo relacionamento, por mais harmonioso que seja, produz desgaste. E esse desgaste, caso não seja tratado, resultará em conflitos. Os conflitos na maioria das vezes culminam com a ruptura da relação. Quando isso acontece, o que passa a valer não é o período gerado pelos longos os anos de convivência pacífica que tivemos, mas os minutos cruciais que geraram dor e amargura em nosso coração. Em situações de conflito desaparece o “irmão” para surgir o oponente, quem sabe o inimigo. Essa é a razão da existência de várias igrejas: em vez de estratégia missionária, o que vemos é divisão interna.

Pelo fato da Igreja ser composta por membros de um mesmo corpo – o Corpo de Cristo, o mau funcionamento de um membro afeta direta, ou indiretamente, o funcionamento de todo o restante do corpo:

“De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele.” (1Coríntios 12.26)

Uma vez que o Espírito Santo atua dentro da unidade do Corpo de Cristo, e na comunhão entre os seus membros, a falta de união e comunhão na igreja resulta na inoperância do Espírito Santo dentro dela. Se por um lado a união entre os membros do Corpo de Cristo atrai a presença manifesta de Deus, por outro a divisão existente nas igrejas O afasta. Talvez seja dentro dessa linha de pensamento que o apóstolo Paulo tenha escrito:

“E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, com o qual fostes selados para o dia da redenção. Toda amargura, cólera, ira, gritaria e blasfêmia sejam eliminadas do meio de vós, bem como toda maldade. Pelo contrário, sede bondosos e tende compaixão uns para com os outros, perdoadando uns aos outros, assim como Deus vos perdoou em Cristo.” (Efésios 4.30-32)

Superar as dificuldades nos relacionamentos não é algo tão simples de fazer, ainda mais porque, no meio do conflito, temos a tendência de não considerarmos as pessoas com as quais temos algum tipo de dificuldade, como sendo importantes para o nosso convívio comunitário e familiar.

Pelo fato da convivência entre os membros de uma igreja se basear em uma relação consanguínea em Cristo, o afastamento ou mesmo rompimento das relações com essas pessoas costuma produzir situações desagradáveis. Por se tratar de irmãos na fé, o rompimento das relações normalmente provoca sofrimentos em todas as partes envolvidas na relação.

O que muitos não entendem é que, o sucesso nos relacionamentos, não está no fato de nos sujeitarmos à vontade outro, mas na manutenção da nossa integridade física, moral e emocional. Não se trata de sujeição ao outro e sim de preservação do respeito e da dignidade de todos os envolvidos.

Sabedor disso, muitas vezes Deus coloca pessoas difíceis em nossas vidas, como uma oportunidade para o treinamento da arte nos relacionamentos em seu nível mais elevado. É por isso que, em todas as igrejas, há pessoas que são dominadoras e controladoras, outras são agressivas e duras, tem as que são desconfiadas, caladas... Há alguns se consideram mártires da igreja. Há aqueles que ostentam mania de grandeza, enquanto outros são pessimistas e negativistas. Tem os que são dramáticos ao mesmo tempo em que existem os que agem de forma intolerante. Deus sabe que, se conseguirmos conquistar ou conviver de maneira harmoniosa com essas pessoas, teremos amplas possibilidades de sucesso com todas as demais pessoas.

E qual é o segredo de Deus para que possamos conviver em harmonia com os mais diversos tipos de pessoas presentes nas igrejas? Não existem segredos. O que existe é a aplicação de princípios fundamentados no amor e na unidade do Espírito Santo. Então, quais são esses princípios? Na passagem bíblia, o apóstolo Paulo cita quatro deles. Vejamos:

1. Desenvolver o princípio da humildade (v. 2). Ser humilde é diferente de ser desprezado. Não devemos confundir humildade com baixa-estima. O termo “humildade” tem sua raiz no vocábulo grego *ταπεινω* (*tapeinoō*), que significa “reduzir a um plano”, “aplainar”. A pessoa que é humilde consegue tráfegar no mesmo nível que as demais pessoas, sem engrandecer-se ou mediocritizar-se. É saber diferenciar a autoconfiança da autossuficiência. É abrir mão dos prefixos e adjetivos colocados antes do nome, sem perder a sua essência como pessoa.

2. Desenvolver o princípio da mansidão (v. 2). Ser manso é diferente de ser frouxo ou fraco. Não devemos confundir mansidão com fraqueza ou inércia. O termo “mansidão”, do grego *πραότης* (*praotés*), significa “moderação”, “discernimento”, “sabedoria para agir”, “sobriedade”. Mansidão é o poder sob controle, refletindo o autodomínio. Mansidão é agir com sabedoria no tempo certo e da maneira certa, discernindo com clareza a situação na qual se envolveu.

3. Desenvolver o princípio da longanimidade (v. 2). Ser longânimo é diferente de ser passivo ou indiferente. Não devemos confundir longanimidade com aceitação de uma situação. O termo “longanimidade”, do grego μακροθυμία (*makrothymía*), significa “*temperamento longo*”. A longanimidade é a qualidade de autodomínio em face da provocação. É o oposto da raiva, e está associado com a misericórdia. A longanimidade é o que nos capacita a ouvir, compreender e não reagir na mesma medida à provocação do outro.

Os três princípios acima servem como qualidades fundamentais para a aplicação do quarto e último princípio. Sem eles, não poderemos preservar a unidade da fé, nem seremos bem sucedidos nos desafios que envolvem os relacionamentos. Mas de posse dos três primeiros princípios, podemos passar para o nível mais profundo da praticidade cristã – o amor incondicional ao próximo (cf. João 13.35). Para atingirmos o nível da incondicionalidade no amor, precisamos:

4. Desenvolver o princípio da suportabilidade. Suportar alguém é diferente de aturá-lo. Não devemos confundir o ato de suportar alguém com o ato de aguentar ou aceitar as suas atitudes. No grego, são utilizados sete vocábulos diferentes para traduzir o verbo “suportar”. Na passagem bíblica que estamos estudando é utilizado o vocábulo ἀνέχωμαι (*anéchōmai*), que significa “*manter para cima, manter erguido*”, “*sustentar*”, “*carregar*”. Suportar o nosso irmão é não apenas sustentá-lo de forma que ele fique em pé, como também transportá-lo a um nível mais alto quando for necessário. É levar as cargas uns dos outros e assim cumprir a lei de Cristo, ou seja, a lei do amor (cf. Gálatas 6.2).

Para que os princípios acima sejam desenvolvidos, as sementes desses princípios precisam ser plantadas e cultivadas no solo do amor. Somente o amor é quem nos livra do pior que há em nós e pode transformar os princípios eternos do Evangelho de Cristo em ações concretas na nossa vida.

Se Jesus morreu na cruz para nos unir, por que nós muitas vezes queremos matar para dividir? O texto bíblico afirma que há: “*Há um só corpo, um só Espírito, uma só esperança, um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus, um só Pai*”. E Jesus, em sua oração sacerdotal, declarou:

“*Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão de crer em mim; para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um.*” (João 17.20-22)

Se o desejo do Senhor Jesus é que nós sejamos “um”, então por que muitas vezes nós permitimos ser usados por alguém, ou por nós mesmos, como meio de divisão daquilo que Deus quer unir? Em vez de gastarem energia brigando, magoando, ferindo e amputando-se uns aos outros, os membros do Corpo de Cristo deveriam transformar essa energia em “sinergia”, isto é, a “cooperação dos membros de um grupo prol de um objetivo comum” – a glória de Deus.

Humildade, mansidão, longanimidade e suportabilidade. Esses quatro princípios eternos, banhados no amor incondicional da parte de Deus (e que também deve operar em nós), fazem com que qualquer problema de relacionamento seja logo dissipado. E no lugar haja “*amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança*” (cf. Gálatas 5.22).

Em Cristo, a Igreja, como “*corpo inteiro, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a correta atuação de cada parte, efetua o seu crescimento para edificação de si mesmo em amor*” (Efésios 4.16 – Almeida Século 21).

Soli Deo Gloria.

Bibliografia utilizada:

STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong*: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.

VINE, W. E.. *Dicionário Vine*: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1.115 p.